

SEBASTIÃO ALVES

SENHORA DO AMOR E DA GUERRA (ROMANCE)

CULTURA EDITORA

APRESENTAÇÃO

Uruk, Mesopotâmia, 3000 a.C.

Séculos antes do famoso Gilgamesh, uma bela mulher aparece a comandar os destinos da maior cidade do mundo.

Sete extraordinárias plaquetas de barro cozido sugerem a sua história: a inteligência, a coragem, o dom de seduzir, que a conduzem ao poder vencendo todas as adversidades; a luta contra a corrupção dos sacerdotes de *Inanna*, a vitória sobre os invasores amoritas; e finalmente o dia em que embarca para o reino das trevas, vitimada pela pestilência, após inundações que cobriram a terra como após um dilúvio bíblico..

As plaquetas chegam-nos assinadas por Zamug, *o Coxo*, que abandonou a cidade maldita levando consigo os ensinamentos de *Nisaba*, ou seja, o segredo da escrita.



TRECHOS DO LIVRO

PRÓLOGO

A história que se segue baseia-se num conjunto de plaquetas de argila cozida que me foi facultado por um velho e famoso professor de Assiriologia, entretanto falecido, e cujo nome, por razões que em breve se tornarão óbvias, me coíbo de mencionar.

Não era a primeira vez que ele me pedia ajuda. Eu era então um modesto estudante de pós-doutoramento em História e Arqueologia da Suméria, na Universidade de X, onde ele era Professor emérito e uma verdadeira lenda no Departamento de História. Tanto assim, que da primeira vez que me abordou, eu senti-me de tal forma lisonjeado que não me passou pela cabeça questionar o motivo por que ele recorria a mim, quando havia outros colegas mais experientes a quem podia recorrer.

Chamava-me ao gabinete e apresentava-me conjuntos de plaquetas sumérias quase sempre pouco interessantes. O que normalmente me solicitava era um parecer sobre a época a que pertenceriam e, se possível, uma tradução, já que a sua especialidade era a época babilónica, e os seus conhecimentos de língua suméria eram, segundo ele próprio admitia, limitados.

Mas ao terceiro ou quarto pedido, não pude deixar de questionar-me. Até porque o meu orientador científico, quando lhe contei, abanou a cabeça e comentou laconicamente no seu inglês carregado de erres: *“I cannot agree vith vot re is doing”*

Foi então que a moral em que os meus pais me moldaram, e da qual ainda hoje é difícil libertar-me, começou a tornar-se embaraçosa. Eu sabia que, desde a primeira derrota de Saddam Hussein em 1991, e sobretudo depois da invasão em 2003, o Iraque estava mais ou menos a saque. Escavações ilegais, pilhagem de sítios arqueológicos, até roubos de peças de museu, tudo se tornara banal. Eu sabia também que a comercialização de peças duvidosas seria muito menos rentável se a sua autenticidade não fosse avalizada por alguém com a autoridade do velho professor. E comecei a sentir-me pouco à vontade no meu papel de cúmplice. Estava mesmo a tentar ganhar coragem para lhe dizer que não contasse mais comigo. Ele porém antecipou-se:

— Você deve perguntar-se de onde me vem todo este material, de que por vezes lhe mando umas amostras. Não quero que você pense há nisto seja o que for de ilegal, pelo menos da minha parte...

— Nunca tal me ocorreu — menti.

— Vêm ter comigo para avaliar e autenticar peças cuja proveniência eu apenas me escuso de questionar. E vou dizer-lhe porquê. Se não fosse eu a fazê-lo, outro o faria. E se ninguém o fizesse, aquelas peças atingiriam obscuras coleções ou transformar-se-iam em pisa-papéis de gente rica, sem que houvesse oportunidade sequer de as fotografar. Seria uma trágica perda para a ciência.

Aquela resposta tranquilizou-me, mas foi apenas porque estava ansioso por me deixar tranquilizar. Mas quando um dia lhe propus publicarmos em conjunto um tra-

balho sobre um par de plaquetas mais estimulantes, a resposta dele deixou-me muito zangado e prometi a mim mesmo cercear imediatamente aquela suposta colaboração, de que, ainda por cima, ele era o único beneficiário:

— Nem pensar, jovem. Sem poder certificar a origem e destino do material, nem pensar..

Mas da vez seguinte, voltei a fraquejar. Pela simples razão de que mal entrei no gabinete dele, antes de ter tempo de dizer alguma coisa, o meu olhar caiu sobre o conjunto de plaquetas dispostas numa caixa de cartão em cima da sua secretária.



Eram sete plaquetas pouco maiores do que a palma da minha mão, algumas quebradas, todas bastante danificadas e todas, menos uma, preenchidas dos dois lados. O que o professor queria de mim era que eu atribuísse àquele lote uma época, o que normalmente não seria difícil, e esboçasse uma interpretação, se possível, ou pelo menos escrevesse um comentário. Mas desta vez fiquei baralhado, pela simples razão de que aquelas plaquetas eram diferentes de todas a que eu vira até então.

O que primeiro me saltou à vista e depois confirmei quando pude examiná-las com mais cuidado foi que, embora não sendo a escrita ainda cuneiforme, apresentava já várias marcas com a característica forma de uma cunha, o que me acelerou desde logo o coração. Enquanto que estas marcas, estes sinais de modernidade, poderiam avançar a data das plaquetas para cerca de 3100 A.C., no período conhecido por Uruk III (3100-2900 A.C.)¹, ao mesmo tempo contrastavam com características demasiado arcaicas para essa época, pois muitos dos símbolos eram pictogramas distribuídos por pequenos retângulos, como se fossem cenas, e grande parte fora desenhada ainda com a ponta de um estilete, em linhas curvas, sendo o objeto de cada símbolo quase sempre identificável. Isto remetia para o período anterior, Uruk IV (3300-3100 A.C.). Ou seja, aqueles documentos de barro cozido juntavam características de duas épocas distintas.

Senti que o meu olhar atravessava milénios até ao estilete do inventor do cuneiforme. Excitadíssimo, peguei em mim e atrevi-me a ir bater à porta do professor sem lhe telefonar primeiro. E tive com ele a mais deprimente conversa da minha vida:

— Então? — Exclamou, escandalizado com a minha sem-cerimónia — O que se passa?

— São as plaquetas, professor, não sei se se deu conta do que estava a entregar-me?

— Curiosas, de facto...

Disse ele e eu apercebi-me do cansaço que havia no seu semblante, na sua postura. Para além da idade, era um homem que finalmente deixava transparecer a doença degenerativa que o atormentava. Talvez por isso, aquele alheamento, aquele desinteresse. Não me deixei impressionar e prossegui:

— Curiosas, professor? Olhou bem para elas? São muito mais que curiosas, são um tesouro, algo que não aparece em décadas! — Pousei na mesa a plaqueta que trazia comigo e pus-me a apontar as originalidades — Não está a ver, professor? São como o

¹ Ver Anexo II

² Nome moderno para o sítio arqueológico da antiga cidade de Xurupaque

elo perdido entre o proto-cuneiforme e o cuneiforme. Não é todos os dias que se tem à disposição uma preciosidade destas. Sabe ao menos dizer-me onde foram encontradas?

— Tell Fara², segundo me disseram. Mas não exageremos, jovem, não exageremos... — disse ele, lenta e debilmente.

— Não estou a exagerar — exaltei-me — não estou a exagerar nem um bocadinho. É um tesouro e é nosso dever resgatá-lo para a Ciência. Não será possível encontrar um comprador idóneo para elas, um museu, uma universidade?

Ele abanou a cabeça:

— Tanto quanto me disseram, já há comprador.

— Quem? — Vociferei.

— Não sei... — rouquejou, mas finalmente reagiu à minha agressividade — acho que deve moderar o seu tom...

— Moderar...? Moderar o tom?! — Eu estava já meio descontrolado — Isto é um crime, não percebe?! Perder este documento único para a compreensão do princípio da escrita! Acho que é nosso dever denunciar esta situação e não pactuar com ela...

— Nada a fazer, jovem — disse ele procurando ainda um registo conciliatório — E tranquilize-se: não há nada de ilegal nisto tudo. Quem me entregou as plaquetas é um antiquário idóneo e certificado.

Mas de repente, por entre a débil indignação que também transparecia, notei nele um certo e talvez justificado alarme, que o levou a acrescentar:

— E acho que devia entregar-me já as plaquetas...

— Vou fotografá-las e desenhá-las e depois lhas trago.

— Pensava que já as tinha fotografado.

Saí e bati com a porta. Nessa tarde fotografei as plaquetas de vários ângulos e com várias iluminações e demorei depois vários dias a desenhá-las com todo o cuidado. Ele telefonava-me e eu dizia-lhe que esperasse, ao mesmo tempo que ia entrando em desespero. As ameaças dele cresciam de tom, mas eu não aceitava perder para sempre aquela preciosidade. Que fazer, que fazer?!

Cheguei a pensar em roubá-las, mas seria acusado de furto e dificilmente me serviria de defesa alegar que o fizera para defender o conhecimento dos primórdios da História, património da Humanidade... Também concebi atirá-las à cara dele e vê-las partirem-se em mil bocadinhos. Poderia sempre alegar que tropeçara... Mas é claro que eu não fui capaz de tal sacrilégio...

Em vez disso, devolvi-as inteiras e foi a minha alma que ficou em cacos.



Quase entrei em depressão. Cheguei a ponto de consultar um psiquiatra, mas concluí que não me curaria com as suas drogas. Tinha que ser eu a salvar-me e a única maneira de o fazer era acreditar que as plaquetas não estavam irremediavelmente perdidas.

Estariam, sim, guardadas em segurança na vitrina de algum incógnito colecionador, ignorante da preciosidade que adquirira... E talvez ele alguma vez viesse a precisar de dinheiro... Ou talvez morresse e os herdeiros não quisessem saber de antiguidades...

De forma que não houve desde então um dia que eu não vasculhasse a internet à procura de anúncios de peças oriundas da Mesopotâmia, na esperança de reencontrar as “minhas” plaquetas — assim lhes continuo a chamar com melancólica ternura...

Tornaram-se a minha obsessão. Passei as semanas, os meses, os anos seguintes, empregando todas as minhas horas vagas — e por vezes tempo que devia destinar às minhas obrigações — a estudar os registos que delas fizera. Só não abandonei o trabalho académico porque tinha que me sustentar e porque não imaginava quanto dinheiro me seria necessário no dia glorioso em que as plaquetas voltassem a emergir à luz do dia...

É que eu sabia bem o valor delas e, tal como eu, outros poderiam aperceber-se... A sua importância crescia de cada vez que eu as estudava. Transcendia em muito a mera aparição prematura de símbolos cuneiformes. Desde logo, a quase completa ausência de números levou-me a suspeitar que não estaria perante um registo comercial, um recibo ou um inventário, como eram quase todos os documentos anteriores a 2600 A.C. E também não se tratava, isso era muito claro, de uma compilação de símbolos ou de exercícios de escola.

Mas se não era nada disso, então o que seria?

Uma ideia se vinha aos poucos insinuando no meu espírito: e se eu estivesse em presença de um dos primeiros exemplares de verdadeira escrita, uma escrita que conseguisse já representar, não apenas números, objetos e criaturas concretas, mas também ideias, conceitos abstratos, ações humanas e divinas?

Era uma ideia no mínimo atrevida. Seria necessário que, séculos antes de a representação cuneiforme se ter generalizado, já símbolos fonéticos se tivessem sistematicamente intrometido entre os pictogramas, combinando-se para designar, não apenas nomes e objectos, mas também ações, atributos e até emoções! Uma parte de mim queria acreditar, a outra, mais académica e racional, recusava-se a fazê-lo.

A única maneira de decidir a questão, era procurar no texto os fonemas e identificá-los. E para isso, para dar som aos símbolos, eu precisava primeiro de saber qual o idioma usado pelo escriba das plaquetas.

Comecei naturalmente por tentar a língua suméria, a língua dominante nos escritos dos séculos seguintes. Porém as “minhas” plaquetas eram muito antigas, de uma época em que era incerto que os sumérios já tivessem chegado à Mesopotâmia. A língua podia ser outra, acádio, elamita ou até outra desconhecida, como o hipotético e controverso proto-eufrático...

Enfim, tive sorte. Escolhi o sumério e resultou. Após um laborioso e demorado processo, com muita tentativa e erro à mistura, fui descobrindo algumas sequências que pareciam fazer sentido.



Entre as primeiras frases que consegui decifrar, algumas diziam inequivocamente respeito a uma figura feminina, “...vencedora dos homens da montanha...” e “... senhora de Uruk das seiscentas ruas...”

A princípio cuidei que se tratasse de Inanna, a Vénus dos sumérios, deusa do amor e da guerra, venerada em Uruk, então a maior cidade do mundo³. Mas um pouco adiante na mesma plaqueta encontrei:

“...construtora do templo de Inanna...”

Ora a deusa não construiria o seu próprio templo. Isso seria sempre tarefa dos homens, que foram precisamente criados para servir os deuses. A figura feminina em questão fora portanto uma mulher de carne e osso, que teria vencido os homens da montanha, construído um templo a Inanna, e finalmente dominado a cidade. A imaginação tomava conta de mim...

O nome da mulher, encontrei-o noutra plaqueta, muito danificada: “... Kulita [?]... filha do ummia...” ou seja, filha do mestre-escola. Surpreendeu-me tal nome que eu desconhecia e não me soou sumério nem semita. Aparece repetido mais três vezes naquela plaqueta:

“... Kulita... olhos de obsidiana...”

“... Kulita... garça...”

“... Kulita... de Inanna... olhar de fogo preto (?)... Nin...”

A palavra *Nin* foi fundamental para a tradução e interpretação do texto. *Nin* era a sacerdotisa principal, a que falava diretamente com a deusa e interpretava as suas vontades. Conclui pois que Kulita, a filha do mestre-escola, ascendera ao posto de *Nin*, o que me fez procurar a palavra *En* ou *Ensi*, o sumo-sacerdote. Desconfiei que a *Nin* poderia não estar sozinha no serviço da deusa.

E de facto encontrei o *Ensi*, mas noutra plaqueta onde se relata a viagem deste para o Submundo, de onde não há retorno: “... o *Ensi* baixou às trevas e ninguém o acompanhou... a *Nin*... sozinha ao serviço da deusa... defender... lutar... os homens das montanhas...” E não encontrei outra menção ao *Ensi* em todo o texto. Ele deixava pois sozinha esta mulher, no comando da cidade ameaçada pelos homens das montanhas... Estaria eu a deixar-me levar pela fantasia?

Vieram-me à memória as mulheres fortes da história da Mesopotâmia. Recordei Kubaba, a taberneira que se tornou rainha de Kish, citada na Lista dos Reis Sumérios⁴ e Enheduana (2285 BC - 2250 BC), filha de Sargão da Acádia, *Nin* e poetisa. Evoquei Puabi (2600-2500 BC), uma mulher semita que foi *Nin* da cidade suméria de Ur, e por fim Shammuramat (Semiramis) (809 BC–792 BC), histórica rainha da Assíria e lendária conquistadora...

A misteriosa Kulita precede-as de muitos séculos. Precede mesmo os primeiros reis de Uruk, Enmerkar e Lugulbanda, e o heróico Gilgamesh⁵. Viveu num tempo que

³ Uruk teria por essa altura mais de 50 000 habitantes [Algaze 2008]

⁴ Ver por exemplo, Jacobsen, 1939.

⁵ Herói da primeira epopeia que se conhece: a famosa Epopeia de Gilgamesh.

permanece obscuro, à míngua de fonte históricas. Um tempo em que ninguém sabe como eram a organização da cidade e o exercício do poder. Conjeturam uns que o poder residiria numa utópica e democrática assembleia de anciãos e homens livres. Outros, a maioria, preferem pensar que estaria nas mãos de um sumo-sacerdote. Agora eu encontrava uma sacerdotisa, uma mulher...

A plaqueta seguinte, talvez a mais bem conservada, mesmo assim muito lascada, relata vividamente a vitória sobre os homens da montanha:

“... *Inanna de arco em punho...*”

“... *dos terraços setas calhaus... cestos com serpentes...*”

“... *bois em fogo espezinhando os martu (?) encurralados(?)...*”

Como controlar a imaginação? *Inanna de arco em punho*, é uma expressão que pode ser entendida em sentido figurado, mas também pode não ser. É sabido que pelo início da primavera, no festival da fertilidade, a *Nin* assumia ritualmente a identidade da deusa. E se o fazia ao menos uma vez por ano, é natural que se aproveitasse dessa sua capacidade, para impressionar o povo noutras ocasiões. Consegue-se assim imaginar *Kulita*, a *Nin*, com as joias da deusa, ao lado do povo, lançando projeteis sobre os *martu* do alto das açoteias. A palavra *martu* não surge clara, mas também faz algum sentido, podendo ser identificada com os amorritas, homens das montanhas, tidos por selvagens e quase desumanos num poema sumério muito posterior⁶.

Depois, entre este episódio e os seguintes, há um hiato que me parece longo no tempo e pode corresponder a plaquetas perdidas. Nota-se também uma mudança de timbre na narrativa, que de heróica se converte em trágica.

O episódio que a seguir consigo identificar, é uma daquelas inundações catastróficas que periodicamente assolavam as cidades-estado da Mesopotâmia, uma das quais deu origem à lenda do dilúvio e de *Ziusudra*, o *Noé* sumério. O tom é semelhante ao que se encontra na epopeia de *Gilgamesh*:

“... *os deuses ordenaram a Embilulu* ⁷ ... *o irado Buranum* ⁸ *apanhou o boi que pastava... alargou-se até ao horizonte... ondas castanhas subiram pelas ruas pelas escadas... entraram pelas casas... An e Inanna de costas viradas... Inanna zangada com os homens...*”

E termina:

“*Uruk abandonada boiando sobre as águas...*”

Quanto àquela que finalmente pude identificar com a última plaqueta, quase não tenho dúvidas. Relata a viagem da “... *senhora de Uruk a caminho do reino das trevas...*”. Refere também pela primeira vez *Zamug*, um nome que é seguido pela palavra *jirikud*, que significa pé-quebrado, ou talvez coxo. É este *Zamug*, o *Coxo*, quem assina o texto, à maneira de muitos documentos comerciais de épocas posteriores. Nas frases finais ele abandona a cidade levando consigo “*os ensinamentos de Nisaba*”⁹ que eu identifico, naturalmente, como sendo o segredo da escrita.

⁶ “O casamento de Martu” [Kramer, 1963]

⁷ Embilulu – deus dos rios.

⁸ Buranum – Eufrates.

⁹ Deusa da sabedoria, escrita e colheitas. Patrona dos escribas.



Eis o que, ao cabo de infinitas combinações silábicas e pictográficas, guiadas por uma importante componente de adivinhação e fantasia, consegui traduzir. Custou-me cinco anos de trabalho doentio em que flutuei entre o êxtase e o desespero. Por causa daquelas malfadadas plaquetas, passei a ter insónias e pesadelos como nunca tivera, pus de parte projetos e oportunidades de promoção profissional, e ganhei um mau-feitio que me afastou de colegas e amigos. Por causa delas transformei num deserto a minha vida afetiva. Valeu a pena?

Como posso duvidar? O texto daquelas plaquetas é um monumento tão importante como a famosa epopeia de Gilgamesh, até hoje universalmente considerada a primeira obra literária da Humanidade. É mais modesta, decerto, muito mais, mas vale pela antiguidade, já que foi escrita muitos séculos antes, não só da epopeia, mas do próprio reinado de Gilgamesh. O que eu tinha desvendando, corrigia não apenas a história da escrita, como a história da própria literatura.

Mas a minha tarefa tinha terminado. Chegara a um ponto em que já não era capaz de extrair mais significado daquelas plaquetas, daqueles símbolos. Seria altura de passar a outros a informação para que me corrigissem, desafiassem, tivessem ideias que eu não tivera, descobrissem soluções que eu não soubera encontrar. Mas como?

Como atrever-me a publicar as minhas traduções fragmentárias de umas plaquetas desaparecidas, de proveniência e destino desconhecidos, e ainda por cima de uma incrível originalidade? Como publicar as fotografias que tirara, os desenhos que fizera, sem que parrasse para sempre a suspeita de uma falsificação?

Tornava o desespero. Não conseguia conceber que aquelas plaquetas, que eram finalmente o ansiado elo entre o proto-cuneiforme e a verdadeira escrita, ficassem para sempre na penumbra do esquecimento. Menos ainda conseguia resignar-me à ideia de deixar enterada no olvido a fabulosa história da enigmática Kulita, filha do mestre-escola, salvadora de Uruk, derrotada apenas pela cheia e pela peste...

Voltei a entrar em depressão e agora não tinha forma de me automedicar. Tornei ao psiquiatra que já não se lembrava de mim e me receitou as mesmas drogas que me receitara cinco anos antes, drogas que eu voltei a despejar pela sanita. Mas desta vez regressei ao consultório e expliquei que as deitara fora e precisava de nova receita... E desta vez teria ficado à mercê das drogas e dos médicos se não fosse ter-me surgido aquela ideia:

Um romance...

Um romance, sim, por amor dos deuses! Na verdade não era sequer uma ideia inédita, um académico escrever um romance histórico¹⁰. Alguns se serviram da ficção e da divulgação como trampolim para as suas carreiras. Claro que não era esse o meu intuito. Eu queria apenas salvar a pele, a pele de argila da minha alma, tatuada de símbolos...

E o resultado aí está, nas páginas que se seguem. Cabe ao leitor acreditar ou não nas plaquetas danificadas que lhe deram origem. E mesmo acreditando, estará no direito de perguntar-se quanto do romance é fruto da minha imaginação e quanto estava já gravado no barro cozido...

Também eu gostava de saber.

Berlin, 2018

¹⁰ Neste meu caso, seria um romance proto-histórico, uma vez que lida com a própria origem da História.

I

(EXCERTO)

Na margem direita do Buranum¹¹ está Uruk, das seiscentas ruas. Uruk, cuja fama se estende desde os pântanos até ao deserto e desde o rio caudaloso até aos cumes gelados que tocam o céu. Uruk, cujas caravanas repousam em Susa para em seguida atravessarem as montanhas Zagros e as terras que ficam depois. Uruk, cujos mercadores se aventuram por trilhos até Mari e à Terra dos Cedros, cujos barcos se atrevem até Dilmun pelo rio sem margens. Uruk, a grande, a magnífica, célebre pelos seus festivais, pelos seus templos e pela rivalidade entre os seus poderosos deuses.

Foi este o lugar que An, deus do céu, encontrou para o seu povo, homens e mulheres que haveriam de adorá-lo e cuidar dele na terra. E foi um local esplêndido que o deus escolheu, onde o Buranum suavemente curva e suavemente enche os canais aquando do degelo nas longínquas montanhas, e suavemente transborda, fertilizando os solos. E com naturalidade os homens aceitaram a escolha de An. Naquele lugar abençoado ergueram as primeiras cabanas de junco em redor de um altar singelo, e mais tarde construíram as suas casas de barro seco ao sol em torno de um templo majestoso, e estabeleceram com An a tácita aliança que um povo estabelece com o seu deus.

Já porém Inanna, filha entre os numerosos descendentes de An, cobiçara aquele mesmo local. Já antes ela seduzira e embriagara Enki¹² e lhe roubara os *Me*¹³ que ele guardava a sete-chaves em Eridu, para os trazer para Uruk e os conceder aos homens que cobiçava para si, naquela curva que o Buranum fazia no meio da terra fecunda.

E o povo de Uruk ficou dividido, indeciso entre tão poderosos deuses, receoso da sua ira, incapaz de satisfazê-los a ambos. Então An, carente de orações e oferendas e, e seguro da sua razão, queixou-se à assembleia dos imortais.

Mas a assembleia, na sua divina sabedoria, deliberou que em Uruk, das seiscentas ruas, das incontáveis tabernas e locandas, havia gente bastante para os dois magníficos deuses. E dividiu a cidade em duas povoações gémeas, tão iguais e tão diferentes. E a *An*, deus dos céus, foi atribuído Kulab, o bairro mais próximo do seu reino, no alto da colina subtil. Ao passo que Inanna ficou com Eanna, do lado donde *Utu*¹⁴ se ergue, o bairro que se espriava até ao Buranum tranquilo.



¹¹ Eufrates

¹² Deus da água, protector da cidade de Eridu.

¹³ Os *Me* eram os fundamentos divinos da sociedade, entidades abstractas como realza, divindade, sabedoria, verdade, música, paz, ou a arte de metalurgia, por exemplo.

¹⁴ Deus-sol, da justiça e da verdade. Irmão de Inanna.

O olhar de Utu ensanguentou as águas do Buranum e alcançou a margem direita. Mas o deus não acordou completamente. A sua atenção dispersou-se pelo emaranhado das ruas, dividiu-se acompanhando os vendedores que subiam desde o porto apregoando água ou leite, a que se juntavam homens e mulheres que deixavam as suas casas e seguiam para os seus misteres nos celeiros, nas forjas e nas oficinas de tecelagem.

Turvo e distraído, o olhar de *Utu* não se deteve tampouco na escadaria do Templo de Inanna onde se cantavam já as primeiras preces e se preparava o desjejum da deusa, nem nos pátios interiores das casas que recendiam a lenha queimada e a pão, e onde se cuidava do desjejum dos homens. O olhar de Utu fixou-se mais longe, um pouco mais alto, no templo de An, em Kulab, até incendiá-lo num brilho cor-de-laranja.

Só então o deus decidiu bisbilhotar o que se passava nos pátios e parecia criar as suas próprias visões: o oleiro que preparava o seu barro, o cesteiro que escolhia o seu vime, o metalúrgico que avivava o seu lume.

E nenhum pátio estava mais animado que o da *eduba*¹⁵ das crianças, que ali afluíam, algumas vindas de longe, de *Kulab* ou mesmo de alguma aldeia vizinha. Os rapazes entravam no pátio e como por milagre, calavam-se. Alguns teriam oito anos, outros teriam catorze, até quinze. Quem os recebia era um homem ainda jovem, cabeça rapada, barba encaracolada, alto e de semblante severo. Era o assistente do *ummiã*¹⁶ e as crianças temiam-no. Chamavam-lhe o Mão-de-pau, porque ao menor deslize ele zurzia-os com uma caninha.

O assistente gostava daqueles momentos em que se podia sentir o senhor da *eduba*. O *ummiã* viria apenas mais tarde, quando os alunos já estivessem nos seus lugares, de plaquetas prontas e estiletos em punho. Entretanto os alunos continuavam a chegar. Um a um, dirigiam-se ao caixotão que um escravo preparara, a buscar a sua porção de barro húmido. Com ela moldavam a sua plaqueta, do tamanho da palma de uma mão, conforme tinham aprendido no próprio dia em que entraram para a *eduba*.

Eram momentos de inevitável confusão que só um Mão-de-bronze, mais que de pau, poderia controlar. Assim pensava o assistente do *ummiã* — ele sabia da alcunha — mas nem assim conseguia ter olhos para tudo. Havia sempre qualquer coisa a acontecer nas suas costas.

Agora foi Zamug que se espalhou ao comprido. O assistente virou-se, mas tarde demais. Já não conseguiu distinguir o culpado e sabia bem que Zamug não acusaria nunca o autor da rasteira. Se fosse ele a mandar, Mão-de-Pau saberia o que fazer. Poria toda a gente de castigo, Zamug incluído, e num instante resolvia-se o problema. Mas o *ummiã* era demasiado mole e não queria castigar os inocentes.

Isto enfurecia o Mão-de-Pau, sobretudo porque o caso estava sempre a repetir-se, o que não era bom para a disciplina e lhe causava uma desagradável sensação de impotência. Mas aprendera a conformar-se, porque não havia nada a fazer. Zamug era um alvo demasiado apetecível para todas as maldades, algumas cruéis. Desde logo, era dos mais pequenos e era coxo, mas isso, só por si, não explicava que fosse ele praticamente o único alvo dos seus atormentadores. Havia outro motivo.

Acontece que Zamug era brilhante, embora por vezes tentasse escondê-lo. Num ápice aprendia de cor os provérbios e os *balbales*¹⁷ e os símbolos, e nunca se enganava

¹⁵ Escola. Literalmente casa (e) das plaquetas (dub).

¹⁶ Mestre-escola.

¹⁷ Lengalengas, narrativas orais.

com a aritmética. Ao cabo de dois anos, estava naturalmente ao nível dos mais velhos e foi transferido para a turma do *ummia*, atraindo a inveja, quer dos da sua idade que o consideravam um manteigueiro, quer dos mais adiantados, a quem ele passou a envergonhar.

Agora estava estatelado no chão e começava a levantar-se. Caíra desamparado, tentando em vão evitar que o barro ficasse inutilizado, e tinha-se magoado num cotovelo. Mas não se queixou. Por entre a dor que tardava em dissipar-se, ouvia os colegas rirem alarvemente. Mas de repente calaram-se e não foi por causa dos berros nem da pancada do Mão-de-Pau.

Chegou o *ummia*, concluiu Zamug, mesmo sem o ver. Mas nem a chegada do ummia conseguia um silêncio tão abruito. Normalmente ele entrava, esperava que o barulho abrandasse, e seguia para o segundo pátio, acompanhado pelos rapazes mais velhos, e por Zamug. Este sacudiu a poeira da saia e finalmente virou-se para a porta da eduba, para onde todos estavam a olhar. E teve uma surpresa.

Não só o *ummia* não estava tão furioso quanto seria de esperar, como não estava sozinho. A seu lado perfilava-se uma figurinha franzina, dir-se-ia insignificante, se não fosse pelo insólito que impunha àquele pequeno universo masculino. Era uma menina magrizona, de túnica colorida e cabelo apanhado numa longa trança negra, e não havia temor nem timidez na forma como enfrentava aqueles vinte pares de olhos que a miravam de alto a baixo. Os seus olhos, rasgados como era raro numa suméria, irradiavam um brilho negro onde se misturava uma curiosidade divertida.

Mas o momento de surpresa terminou e começaram os cochichos. Alguns dos rapazes conheciam-na de vê-la na rua, e sabiam que era a filha do ummia.

— Meninos, a vossa atenção... — disse este, num tom estranho, surpreendente, que eles não conseguiram interpretar, mas que era tudo menos zangado — este é o vosso novo colega. Chama-se Kulita.

I

Zamug soube da morte do Ensi ainda antes de ter notícia das jangadas de Xurupaque. Estava na *eduba* do Santuário a classificar e a arrumar plaquetas com as entradas e saídas do dia, trazidas por escribas dos vários cantos de Uruk. Juntava duas plaquetas ao cesto dos ordenados dos teares, quando foi interrompido pelo Mestre de Contabilidade que decidiu fechar a *éduba* e mandar embora os poucos escribas que ainda não se tinham ido embora, explicando que o *Ensi* deixara de respirar e estava pronto para a última viagem. Com todo o cuidado, Zamug repôs a plaqueta que tinha na mão no cesto das plaquetas por classificar e reparou que todos, exceto o encarregado de fechar a *éduba*, já tinham partido. Saíram juntos e foi cada um para seu lado.

Zamug seguiu para a taberna sentindo que não havia mais para onde ir. Foi pelo caminho que soube dos fugitivos de Xurupaque e do perigo iminente que Uruk corria. E pensou: eu devia ir para casa. Não-de estar todos em pânico. Imaginou a aflição da mãe, o pai a tentar acalmá-la, o concílio de família, talvez mesmo a discussão sobre a melhor maneira de fugir de Uruk levando o que fosse essencial...

Tal porém não foi bastante para lhe alterar a direcção. Se já em tempos normais as tabernas eram para ele como uma segunda casa, mais o eram agora, nestes tempos de histeria. Se sentissem a sua falta, os irmãos saberiam onde procurá-lo.

Optou pela tasca preferida. Era uma baiúca pouco e mal frequentada, onde podia estar à vontade, invisível entre os invisíveis, e pediu vinho. Hoje a cerveja não lhe bastava. Avaliou a companhia e era pouca, menos do que era costume. As conversas dividiam-se pelos dois assuntos do dia, qual deles mais trágico e preocupante.

— Belteshazar foi ter com a família quando soube — informava um — Diz que vai partir de Uruk.

— E para onde irá ele, diz-me? E como irá? A pé, com a sogra às costas? Se os udul se borram de medo, nós somos sumérios: não temos outro remédio senão defendermo-nos.

— Não temos outro remédio senão beber... — disse outro, o mais sábio de entre todos aqueles sábios.

Zamug, como de costume, não falava. Mas, ao invés do que era costume, também não ouvia. Pensava em Kulita. Recordava a menina com quem brincara à beira do rio e que era por enquanto *Nin* de Inanna. E evocava o último encontro que tiveram.



Lembrou-se da revolta que sentira ao chegar a casa e entregarem-lhe a convocatória. Não bastava o perigo em que andava, ainda tinha que se arriscar outra vez?!

Nessa noite não pregou olho. Era tempo de calor e todos dormiam na açoteia. Todos dormiam exceto ele. Perdera o conto às vezes que inspecionava o céu e voltara a fechar os olhos. Por fim quando viu uma brilhante estrela alaranjada que trepava pelo céu atrás de Nanna, desceu pela escada, estremecendo com a brisa e com o medo, e saiu de casa aproveitando o luar. Subiu, em vez de descer, a rua dos mercadores, e depois começou a ziguezaguear pelas ruelas para despistar eventuais perseguidores. Virava à direita e depois à esquerda, por vezes voltava para cima, parava, escutava, mas ia sempre descendo o morro suave, na direção do rio. Chegando à orla dos juncos, mais uma vez parou, escondeu-se e esperou. E só depois, como não viesse ninguém retomou o trilho até ao velho lugar de encontro.

Kulita já lá estava:

— Até que enfim. Já pensava que não aparecias...

— E não sei como pude vir, Kulita, tenho medo. Não sei porque não me mataram também.

Aquilo, murmurado, não era um desabafo, era o mastigar de um terror que o vinha engolindo e regurgitando desde que soubera da morte violenta do jovem Zukakip, dois dias antes.

— Não te mataram nem te matam, está descansado. Aquele desgraçado fazia coisas que tu não sabes nem queres saber. E contou-me coisas que tu nunca pudeste contar-me.

— Seja, mas não percebo — disse Zamug, acalmando um pouco — não percebo, Kulita. Desconfiam de mim. Tenho a certeza que desconfiam. Calam-se quando eu estou perto. Olham-me de esguelha. Até Kalumum? Lembras-te de Kalumum, da *eduba* das crianças? Era mais novo do que nós. Era meu amigo, agora quase não me fala. Olha para mim de lado... Desconfiam de mim, mas em vez de me matarem, dão-me serviço no armazém central do Templo...

— Mandaram-te para o armazém central?!

— Sim. Não tinham quem mandar para lá...

— E descobriste alguma coisa estranha?

— Não, nada.

— Desenhaste tudo o que entra com o número certo?

— Sim. Foram as instruções que me deram.

— Ouve, Zamug — dissera Kulita e havia alívio na sua voz — ouve o que te digo. Pelo que me contas, acho que não corres perigo. Talvez desconfiem de ti, mas se ainda não te fizeram nada, não vão agora fazê-lo. Os desaparecidos estavam implicados em registos falsos de entradas nos armazéns. Os responsáveis sentiram-se ameaçados pela minha curiosidade e fizeram desaparecer as testemunhas. Entretanto abandonaram os procedimentos fraudulentos, pelo menos por enquanto, e, se desconfiam de ti, colocam-te à entrada de um armazém para testemunhares que tudo está normal... Faz sentido?

Ele dissera que sim. Fazia sentido, mas não nos seus ossos, nas suas tripas, no seu coração.

— Agora, Zamug, não quero que corras mais riscos! Paramos aqui o contacto. Até ver... Adeus e que Inanna te proteja.

Entretanto o céu clareava, Zamug tremia e Kulita já tinha partido.



Assim fora o seu último encontro com Kulita, duas luas atrás. Agora pensava nela e no que a esperava.

Não se lembrava — não eram do seu tempo — das exéquias do anterior *Ensi* de Uruk, nem do que sucedera à *Nin* de então. Mas sabia, como toda a gente, do funeral do último *Ensi* de Ur, quatro anos antes, que fora muito falado porque o *Ensi* descera à terra numa cerimónia sumptuosa, acompanhado pela *Nin* e pelos seus servidores mais próximos.

Zamug tentava afastar a imagem de Kulita bebendo a poção antes de se deitar ao lado do *Ensi*. Não conseguia acreditar que o fizesse voluntariamente e fugia de pensar que a forçassem a beber, sabendo que era o mais provável. Muitos e poderosos eram os que desejavam afastá-la, Mestres e sacerdotes que ela apossara com as suas suspeitas, despeitados por verem uma sacerdotisa, quase uma noiva, a controlar o *Ensi* e a intrometer-se nos seus assuntos...

Eram estes os pensamentos de Zamug quando ouviu soar o corno. Foi um som longo e fundo, diferente dos vários chamamentos de corno que todos os dias se ouviam pela cidade. Era o som de um grande corno de carneiro ao qual logo se seguiu outro distinto, de corno de touro. O grande corno e o pequeno. E o som era lúgubre.

— Chamam para as exéquias — disse um, oleiro de profissão, com a voz um tanto arrastada.

— Disparate! — disse outro — já viste começar um funeral tão perto do pôr do sol?

Foi a taberneira quem, ao fim de três repetições, identificou o toque:

— Não chamam para funeral. Chamam para a assembleia.

Havia tempo que não se reunia a assembleia dos homens livres. A última fora convocada para o povo decidir sobre a construção de um novo Templo de Inanna, que o *Ensi* pretendia, mas o *Sanga* demonstrara que era impossível sem novos e pesados impostos. E o povo votara contra. E não se fez.

Desta feita, toda a gente pensava saber porque era convocada a assembleia. Quando Zamug e seus confrades saíram da taberna, a viela trazia gente como num dia de festa. Apenas não havia festa e eram só homens quem subia. Alguns levavam armas: foices, arpões de pescador e arcos de caçador. As mulheres, que não tinham voz na assembleia, surgiam à porta de suas casas, com ar apreensivo.

— Assim com os copos nem parece coxo, Zamug — escarneceu alguém para afastar o receio que sentia, já perto do terreiro dos templos.

Chegaram e já a multidão era espessa em redor da escadaria do Templo. Três grandes fogueiras ardiam já aos cantos, prevenindo a noite. Ombro a ombro viam-se homens de Eanna e de Kulab, e o medo preenchia o espaço livre. No patamar do templo ao cimo da escadaria, frente à colunata magnificamente decorada com cones coloridos, os archotes estavam acesos. Ali fora colocado o trono do *Ensi*, para surpresa de alguns. Houve mesmo quem duvidasse de que o *Ensi* tivesse realmente morrido.

Então, de dentro do templo surgiram os mais importantes de entre os sacerdotes de Inanna, o Mestre de Adivinhação, o Mestre de Cânticos, o Mestre de Contabilidade e outros. Estavam ali todos. O último a chegar foi o *Sanga* e todas as dúvidas sobre a morte do *Ensi* se dissiparam, porque o *Sanga* envergava o traje e as insígnias de sumo-sacerdote. Postaram-se de um e outro

lado de um altar onde um carneiro amarrado e embriagado desistira de se debater. O *Sanga* sentou-se no trono do *Ensi*.

Soou um tambor e o Mestre de Adivinhação degolou o carneiro enquanto o Mestre de Cânticos pronunciava uma longa evocação a Inanna, cujo refrão era cantado em coro pelos sacerdotes. O carneiro foi aberto e o adivinho, ensanguentado, ergueu por cima da cabeça uma massa fumegante castanho-avermelhada e olhou o poente, invocando a ajuda de Utu que já se ausentava.

O povo assistia em silêncio. Zamug não conseguia enxergar bem os gestos do bruxo. Imaginava-o debruçado sobre as entranhas do animal, numa longa ladainha a Utu, tentando ler nas curvas do intestino o que era ilegível para o comum dos mortais. Era já praticamente de noite. Já no céu se via o brilho de Inanna Vespertina, como que a perseguir o seu irmão. Zamug viu finalmente o adivinho dar por concluída a leitura, lavar as mãos numa bacia, aproximar-se do trono do atual *Ensi*, e segredar-lhe qualquer coisa.

Foi uma breve conferência, os rostos iluminados pela luz dos archotes. Então o *Sanga* levantou-se, avançou até à escadaria e elevou a voz até onde pôde:

— Inanna ditou e Utu gravou. E eis o que Inanna quer dizer ao povo de Uruk. Libertareis o defunto *Ensi* para que siga a caminho do Submundo acompanhado por aquela que lhe foi mais próxima. E em seguida preparareis a defesa de Uruk, seguindo as ordens do *Sanga*, que promove a *Ensi*. E Inanna ordenou-me: tu, *Ensi* em quem confio, vai a Ur em meu nome pedir auxílio a Nanna, segue até Eridu em meu nome e pede auxílio a Enki... Eles to concederão e regressarás a tempo com homens de armas, antes que os martu gastem o vinho e as mulheres de Xurupaque, recuperem o gosto pela batalha e se metam de novo ao caminho, bêbedos e trôpegos. Foi o que disse a Deusa... — mudou o tom de voz e era agora já não uma voz que informava, mas uma voz que ordenava — e assim será feito, de acordo com a sua vontade.

Zamug abandonava toda a esperança. Imaginou Kulita deitada ao lado do *Ensi*, talvez já de olhos fechados, respirando a custo as últimas golfadas de ar, após ter tomado a bebida sagrada.

Tudo lhe parecia perdido, quando um marulho de comoção alastrou entre o povo e as cabeças se foram erguendo. Alguns apontavam. E todos os olhares sem exceção se fixaram no alto do Templo.

Era Ela, não havia dúvida! Era a Deusa no terraço inacessível, como se tivesse voado! Era Inanna, nos seus melhores enfeites, como só aparecia no Akitu de primavera, quando aguardava a chegada do seu amante extraviado. Vinha iluminada por quatro sacerdotisas, duas de cada lado, que empunhavam archotes. Aproximou-se da borda do terraço e lançou sobre o povo de Uruk o seu olhar de fogo negro.

Poucos duvidaram de que fosse verdadeiramente a Deusa. Zamug, porém, no meio da multidão reconheceu imediatamente Kulita e estranhamente veio-lhe à memória um dia, há muitos anos, em que ela aparecera com uma escada, pesada demais para a menina que era, e o salvara dos demónios da noite.

— Quem fala em Meu nome? — ergueu ela a voz límpida e a multidão emudeceu — quem se atreve a falar em Meu nome, trajando as vestes do *Ensi*, ostentando as jóias do *Ensi*, cuja exéquias ainda não foram...?

O olhar de Inanna estendia-se sobre a multidão hipnotizada. Talvez alguns, mais afastados na multidão, não conseguissem discernir as palavras daquela voz cristalina, mas intuíram-lhe a força e a entoação. E viram-na apontar para o homúnculo que, nas vestes do *Ensi* torcia o pescoço tentando perceber o que se passava no terraço do Templo.

Mesanapada teve que descer dois degraus para finalmente avistá-la claramente. Viu os archotes, viu as jóias brilhando, inferiu por momentos, perplexo e horrorizado, a Deusa que o povo via, e as palavras faltaram-lhe. Como lhe tinha ela escapado? Onde estava Sharur? Gostaria de ordenar aos guardas que subissem e a detivessem, mas hesitou, não acreditando que eles se atrevessem a tocar naquela que usurpava a imagem da Deusa.

— Devíeis estar com o *Ensi*. — ainda disse, mas de forma que poucos ouviram — O *Ensi* não pode descer sozinho ao Submundo...

A hesitação do *Sanga* foi-lhe fatal. A voz traía-o, e Kulita aproveitou. Derramando de cima para baixo o seu desprezo, disse:

— Cala-te, verme, que sabes tu?! Porventura Inanna acompanhou Dumuzi até aos infernos? Cala-te e foge, covarde. Foge para Ur que o povo de Inanna não precisa de um covarde que urina pelas pernas abaixo. Vai. Vai para Ur, vai para Eridu, que ainda é mais longe! Será que Inanna de Uruk precisa de ir mendigar a Nanna de Ur, protecção para o povo da sua cidade? — bradou e era verdadeiramente uma Deusa a falar — quem se atreve a pronunciar tal blasfémia?

Mesanapada ia responder qualquer coisa, mas não encontrou as palavras certas. O silêncio durava minutos, meses. O olhar da deusa suspendera o tempo. Ninguém respirava e contudo ninguém sufocava. Todos os olhos estavam fixos na Deusa à espera do que ela diria em seguida. E ela falou:

— Homens livres de Uruk, eis o que vos ordeno. A cerimónia das exéquias será entregue às sacerdotisas que fielmente me têm servido. Os sacerdotes que temem os martu, e os que temem a minha ira por andarem a encher o bandulho com as oferendas que o povo me destina, que partam enquanto é tempo, e vão em liberdade para Ur, para Eridu, para Aratta, para o Dilmun, se assim o desejarem. Eu, Inanna, defenderei Uruk, dos martu. Eu, Inanna, conduzirei o povo de Uruk a uma vitória que será cantada em balbales desde as montanhas até ao deserto, desde Eridu até ao país dos cedros. Comigo ides desfazê-los em pedaços, os comedores de carne crua. Ides transformá-los a eles em carne crua, para alimentardes os vossos porcos.

— Como? — atreveu-se o Mestre de Adivinhação a interromper, esganiçando — como, se eles devastaram Xurupaque? Como, se eles têm a força dos gigantes e a ferocidade dos leões?

Inanna sorria. À luz dos archotes Zamug conseguia adivinhar o escárnio de Kulita no sorriso da Deusa. Não seria capaz de dizer qual das duas respondeu:

— E como é que tu sabes isso tudo, excremento de ratazana? Não passam de homens, os martu! Não são demónios! Não são os demónios que atormentam a tua consciência dúbia que lhes é devedora. Os martu são apenas homens, homens ignorantes. Seriam parecidos contigo, se tu fosses um homem... Perguntas-me como vencê-los? Pois eu digo: é fácil. Eu, Inanna, tenho um plano. Mas o meu plano precisará da colaboração de todos vós — e apontou para a multidão, nesta e naquela direcção — Para começar, teremos de organizar sentinelas e espiões para sabermos quantos são e quando chegam... Depois prepararemos para eles uma surpresa que em breve vos será explicada. Mas estai tranquilos. É Inanna quem vos diz: obedecei à vossa *Nin* e eu vos salvarei dos martu.

Tinha na palma da mão os homens livres de Uruk e começou a recuar, sempre virada para eles, até desaparecer de vista. O povo não arredava pé, não despegando os olhos do terraço do templo, à espera do conforto daquela visão, que trazia as palavras da Deusa. Ao invés, na plataforma ao alto das escadarias do templo já não restava um único sacerdote.